

AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

DÉBORA DUARTE FREITAS¹

Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande, RS, Brasil
debynhax@hotmail.com

LEONARDO COSTA DA CUNHA²

Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande, RS, Brasil
leocunha78@yahoo.com.br

RAQUEL DA SILVEIRA³

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil
raqkarate@hotmail.com

1ª Round (Introdução)

A Educação Física é sem dúvida uma disciplina que possibilita uma multiplicidade de vivências e reflexões sobre as mais variadas culturas do movimento. No entanto, os conteúdos da Educação Física dentro da escola, em geral, limitam-se em esportes coletivos, fazendo com que o processo de escolarização dos estudantes, no que diz respeito às práticas corporais, fique limitado. Assim, outros conteúdos como as atividades rítmicas e expressivas, as ginásticas e as lutas, por exemplo, acabam não fazendo parte da Educação Física escolar e consequentemente do leque de conhecimento dos estudantes.

Cabe ressaltar que os conteúdos supracitados fazem parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), mas que, no entanto não costumam, em geral, serem abordados pelas escolas ou pelos professores de Educação Física.

Nessa perspectiva, entende-se que as lutas se constituem como um conteúdo importante nas aulas de Educação Física, não somente devido a sua relação prática da atividade, mas também, e principalmente por desmistificar algumas relações que se costuma fazer quando o termo lutas é mencionado, tais como a violência e as distinções de gênero. Além disso, as lutas possibilitam vivenciar e por em debate outras questões em aula, como o respeito com os colegas, a cooperação, o uso de estratégias, agilidade e força.

Sendo assim, pensou-se como aplicar aulas de lutas na Educação Física escolar, levando em consideração o entendimento e o conhecimento que os estudantes possuem sobre tal conteúdo.

Os professores que fomentaram essa prática possuem relações bem distintas no que diz respeito as vivências com as lutas, o que talvez tenha sido um fator facilitador para uma multiplicidade de ideias. Um dos professores nunca teve vivências com lutas formais, tendo sua relação com esse conteúdo somente na disciplina da Lutas na graduação. Outra professora já tem suas vivências em lutas por outras vias, não tendo discutido tal conteúdo na graduação, mas tendo vivenciado lutas formais, como o boxe e a capoeira. E por fim, a terceira professora que fez parte desse estudo possui a prática como atleta de Karatê, além de lecionar a disciplina de lutas no curso de graduação em Educação Física.

2º Round (Metodologia)

¹ Mestranda da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e Professora da Rede Municipal de Ensino de Rio Grande/RS.

² Mestrando da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, Professor da Rede Municipal de Ensino de Rio Grande/RS e Professor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Rio Grande.

³ Professora Mestre do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

O conteúdo lutas está sendo desenvolvido em duas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Rio Grande/RS. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental França Pinto as atividades estão sendo realizadas com três turmas de 6ª série, abrangendo 79 estudantes. Já na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sant'ana, as aulas de lutas estão sendo propostas em três turmas da 5ª série, num total de 76 estudantes.

Antes mesmo de se fazer qualquer menção mais detalhada sobre o que significava as lutas na Educação Física, os estudantes tiveram que escrever o que eles entendiam por lutas, após os professores somente mencionarem que desenvolveriam esse conteúdo. Em um segundo momento os professores aplicaram um texto⁴ e fizeram uma exposição oral sobre o que seriam as lutas e quais as lutas a serem praticadas. Logo se caracterizou lutas como uma atividade de oposição entre duas ou mais pessoas utilizando ações de ataque e defesa e como sendo algo diferente de briga e violência, já que surgiram escritas e falas vinculando lutas a esses atos.

Sendo assim, foi explicado que em um primeiro momento as aulas seriam propostas através de lutas lúdicas, tais como, cabo de guerra, queda de braço, briga de galo, sumô adaptado, atividades com utilização de materiais como balões e tiras de jornal, em que a retirada dos jornais ou o estouro dos balões caracterizariam um golpe, entre outras. Em um segundo momento os estudantes foram divididos em grupos, em que cada um deles ficou responsável por uma luta/arte marcial, tendo que preparar uma apresentação para a turma, com uma parte teórica e outra prática. Entre as lutas/artes marciais escolhidas estavam o Karatê, Taekondo, Muai Tai, Judô, Jiu Jitsu, Boxe, Kung Fu e a Capoeira.

Como formas de apresentação das pesquisas os professores propuseram distintas possibilidades, desde os tradicionais cartazes, à busca de vídeos na internet, a produção de um vídeo mostrando uma aula prática ou uma entrevista com algum professor de lutas ou os grupos poderiam ainda convidar professores de lutas para irem à escola e proporem atividades sobre a sua modalidade.



Lutas lúdicas: briga de galo



Luta com balões

⁴ Texto adaptado do original, que está disponível em <http://www3.fe.usp.br/efisica/trabs/32.doc>



Apresentação de trabalho



Sumô adaptado

3º Round (Gênero e as lutas: aspectos positivos)

É convencional na escola e nas aulas de Educação Física haver uma divisão das práticas realizadas pelos meninos e pelas meninas. Estas divisões começam desde cedo quando as meninas durante o recreio ocupam as periferias do pátio, enquanto os meninos ocupam espaços maiores e centrais, como a quadra esportiva, por exemplo. Würdig (2007) demonstra em sua tese que os meninos ocupavam o espaço maior e as meninas ocupavam um espaço menor.

Pablo deixa claro essa divisão de espaço e ironiza que a pracinha é “*propriedade das meninas*”. Os meninos, ao continuarem a discussão sobre o espaço, explicam que o pátio dos meninos “*é bem maior e ...*” (Pablo), “*grande*” (Sérgio), “*largo*” (Pablo). “*As meninas têm brinquedo [...] têm um espaço menor*” (Leonel). Argumentaram que, por estarem em maior número – “*são mais guris, sor*” – e, “*por serem machos, machuuus*” (Pablo), precisam de um maior espaço e que as meninas perdem em espaço, mas ganham em brinquedos, aparelhos para brincar como gangorra, escorregador e balanço. (WÜRDIG, 2007, p. 82-83) Grifo do autor

E complementa: “Em síntese, poderíamos caracterizar o espaço dos meninos como: maior e aberto, sem brinquedos, sem árvores e controlado por vários adultos; e o espaço das meninas como: menor e fechado, com brinquedos, com árvores e controlado somente por um adulto.” (idem, p. 82)

Essa divisão que ocorre na escola é uma reprodução da sociedade e refere-se a visão e o enquadramento social que existe para cada sexo. Daolio (2003) refere-se a esta organização apontando que, sobre um menino, antes mesmo do nascimento recai toda uma expectativa de segurança e altivez de macho que irá dar sequência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Dentro de pouco tempo, o menino ganha uma bola e é estimulado aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, ele começa a brincar na rua. Isso porque, segundo a mãe, se ficar em casa vai atrapalhar. Já com as meninas, quando nascem, paira uma névoa de delicadeza e de cuidados. No lugar da bola, ganham bonecas e utensílios domésticos em miniatura. São estimuladas todo o tempo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem e não suarem. Logo, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das “brincadeiras de meninos”, ajudando nos trabalhos de casa, ensaiando para quando se tornarem esposas e mães.

É comum essas práticas sociais serem reproduzidas dentro da escola que também é uma instituição enquadrada na sociedade. No entanto, é necessário quebrar alguns estigmas como a de que “mulheres não podem fazer certas atividades” e aula de Educação Física é um bom espaço para romper com certos estereótipos.

Dentro de todo conteúdo possível desta disciplina, o conteúdo de lutas é promissor em trabalhar as questões de gênero⁵ por propiciar bastante contato físico e também proporcionar confrontos diretos entre os sexos opostos.

Durante as aulas foi possível observar que as meninas inicialmente preferiam realizar as brincadeiras com meninas. Mas na medida em que transcorriam as atividades, elas mesmas pediam para enfrentar os meninos. Atividades como a queda de braço proporcionou aos estudantes a possibilidade de perceberem que não é por ser uma menina que elas não tenham força ou não possam derrotar os meninos. No cabo de guerra, também aconteceu fato semelhante, no entanto, a competição se deu de forma coletiva - todas as meninas enfrentaram todos os meninos – nesta atividade os alunos fizeram questão do confronto entre masculino e feminino. Atitudes como essas dificilmente ocorrem em aulas cujo conteúdo é o desporto.

Outra atividade interessante e que trabalha o contato corporal entre os sexos é uma atividade que você deve retirar o jornal que está atrás da pessoa preso nas calças. No início, alguns alunos perderam por não quererem tocar no colega. Depois eles percebiam que não existia maldade no contato e que se mantivessem a atitude sempre perderiam. Atividades como essas proporcionam a reflexão do aluno sobre alguns temas dados como naturais e o interessante é o professor intervir para que seja demonstrado que fatos como esses são construídos socialmente.

Outro aspecto interessante de ressaltar é que muitas vezes as meninas escolhiam uma colega por considerarem mais fácil de derrotar e a atividade acabava se tornando sem desafios. Então, as meninas começavam a escolher alguns meninos para lutar. Primeiro, escolhiam os menores e aparentemente mais fracos, depois, quando ganhavam confiança iam escolhendo os meninos mais fortes.

Possibilidades como essas devem ser valorizadas por proporcionar e estimular a confiança dos alunos, principalmente das meninas. E devem ser aproveitadas para fazer reflexões sobre o enquadramento que a sociedade impõe aos sexos. Pois de acordo com Louro (1997, p. 21), “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

3º Round (Considerações Finais)

Por se tratar de uma prática que, em geral, não costuma fazer parte de nossas vivências cotidianas, como os jogos com bola, por exemplo, surgem algumas restrições sobre esse conteúdo e sua aplicabilidade nas aulas de Educação Física escolar. Como discorre Nascimento & Almeida (2007), a falta de vivência em lutas por parte dos professores, tanto no âmbito pessoal como no acadêmico e a preocupação com o fator violência, que os professores julgam estar intrínseco às práticas de lutas, acabam por inviabilizar a abordagem deste conteúdo na escola.

No entanto, mesmo com algumas restrições, entendemos que é possível, mesmo sem dominar as técnicas das artes marciais ou de outras lutas, desenvolver esse conteúdo na escola, já que as lutas possibilitam confirmar a tese de que não há necessidade de sermos especialistas em uma modalidade de lutas, “desde que nosso objetivo não esteja pautado na formação de atletas/lutadores, mas na produção de conhecimento nas aulas de Educação Física (NASCIMENTO & ALMEIDA, 2007, p.100).

⁵ Neste trabalho levaremos em consideração o conceito de Scott (1995, p.89) “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana (apud Sousa e Altmann, 1999)”.

Creemos que a proposta de lutas na escola se deu de forma bastante positiva, pois, além das vivências diferenciadas, os temas paralelos que estão intrínsecos a esse conteúdo (violência, gênero, respeito, entre outros), foram compreendidos, já que notou-se tais atitudes durante as práticas.

Durante as atividades não houve atos violentos, de agressão, acontecendo tão somente raríssimos casos que devêssemos chamar a atenção, mas muito mais pela empolgação da atividade do que por deslealdade. A questão de gênero foi outro ponto bastante positivo, já que, após conversas durante as práticas, passou a não mais haver distinções entre meninas e meninos, sendo que todos lutavam sem restrição de gênero. E por fim, o respeito com os colegas, já que estabelecemos, nas atividades que exigiam força, um pacto em que mesmo quando um colega fosse mais forte do que os outros, o primeiro faria com que o segundo vivenciasse a luta, antes de ser vencido pelo colega mais forte.

Referências:

DAOLIO, Jocimar. **Cultura**: Educação Física e Futebol. 2ª ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do, & ALMEIDA, Luciano de. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar**: restrições e possibilidades. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. Sobre o paradoxo das lutas na Educação Física escolar. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI/paper/viewFile/339/570>>.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. **Meninos e Meninas**: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos CEDES, Campinas: Unicamp, ano XIX, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.

WÜRDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica – lugares, parcerias e brincadeiras das crianças**: desafios para políticas da infância. Tese (doutorado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2007.

Débora Duarte Freitas

Endereço: Visconde de Mauá, 25. Bairro Cidade Nova. Rio Grande - RS - Brasil

Telefone: (53) 91010207

E-mail: debynhax@hotmail.com